



11º Encontro Internacional de Política Social 18º Encontro Nacional de Política Social

**Tema: Entre o capital e a vida: questão social,
crise ambiental e resistências**

Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Acumulação, Estado e financeirização: perspectivas críticas sobre o desenvolvimento

Financeirização e Dependência: O papel do capital fictício na subordinação periférica

Maria Luísa dos Santos Damasceno¹

Arelys Esquenazi Borrego²

1 Corpo do trabalho

Entendendo as modificações atuais do modo de produção capitalista, o presente trabalho reflete a necessidade de observar, através da lente da Teoria Marxista da Dependência (TMD), as novas formas de subordinação dos países periféricos do capital frente aos centros hegemônicos. A partir do arcabouço de Ruy Mauro Marini (2000) e Theotônio dos Santos (1998), busca-se responder ao debate da dependência articulando-o ao fenômeno da financeirização. Através da leitura de Mauricio de Souza Sabadini (2021), compreende-se como as formas de transferência de valor do Brasil se transmutaram em formas fictícias do capital, modificando as maneiras de manutenção da subordinação através de mecanismos como dividendos, títulos da dívida pública e derivativos. A metodologia fundamenta-se na pesquisa bibliográfica e documental, com foco na análise de dados secundários e agregados macroeconômicos sistematizados por Camilla Nogueira (2019). O objetivo central é confrontar o arcabouço teórico da dependência com as evidências da acumulação financeira contemporânea no Brasil. As discussões parciais evidenciam que a reprodução do capital na periferia baseia-se na superexploração da força de trabalho; por meio dessa lógica, a economia dependente compensa suas perdas via mecanismos que drenam a mais-valia local para os centros.

Observou-se que uma parcela significativa do PIB brasileiro é transferida ao exterior via rendas primárias. É necessário pontuar que a natureza da dívida brasileira se transformou: hoje, cerca de 95% do montante é interno, e denominado em reais. Essa mudança,

¹ Aluna do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: damascenomaria189@gmail.com.

² Doutora em Política Social. Professora dos Departamentos de Economia e Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: arelyseb@gmail.com.

entretanto, não altera a lógica do capital fictício, apenas desloca seu *locus* para o setor financeiro doméstico, que passa a atuar como o principal dreno da mais-valia socialmente produzida. Tais mecanismos são caracterizados por Sabadini (2021) como manifestações do capital fictício. A análise dos dados permite observar que a saída de riqueza mantém-se em patamares elevados, nunca inferiores a 4% do PIB no período de 2019 a 2025. Destaca-se o pico observado em 2021 (5,38%), demonstrando como os mecanismos de transferência de valor se acentuam mesmo em períodos de instabilidade global. Conclui-se, parcialmente, que essa persistência revela a natureza estrutural da subordinação financeira brasileira, onde a riqueza produzida nacionalmente é drenada para a remuneração de capitais, reforçando o caráter enraizado da dependência e tensionando as práticas sociais na América Latina.

Referências

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da dependência. In: SADER, Emir (org.). **Ruy Mauro Marini: uma antologia**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOGUEIRA, Camilla dos Santos. **A inserção externa brasileira no período recente (2000-2015):** financeirização e dependência. 2019.

SABADINI, Mauricio de Souza. A (crítica da) economia política, o capital fictício e os lucros fictícios. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Niterói, n. 59, Edição Especial, maio/jun.2021.

SANTOS, Theotonio dos. **La teoría de la Dependencia: un balance histórico**. Caracas: CRESALC-UNESCO, 1998.